A INDÚSTRIA DA DESTRUIÇÃO

Quando, no Livro do Apocalipse, ouvimos a voz do Anjo que clama em voz alta aos quatro Anjos a quem tinha sido concedido devastar a terra e o mar, destruindo tudo: *«Não danifiqueis a terra, nem o mar, nem as árvores»* (Ap 7,3), vem-me ao pensamento uma frase que não está aqui, mas está no coração de todos nós: *«Os homens são capazes de o fazer melhor do que vós»*.

Sim, nós somos capazes de devastar a terra mais do que os Anjos. E é o que continuamos a fazer: devastar a Criação, destruir a vida, aniquilar as culturas, devastar os valores e destruir a esperança. Quanta necessidade temos da força do Senhor, para que nos trave com o seu amor e com a sua força, para impedir esta desvairada corrida de destruição! Estamos a devastar aquilo que Ele nos concedeu, as coisas mais bonitas que Ele criou para nós, para que cuidássemos delas e as fizéssemos crescer, para dar fruto. O homem apodera-se de tudo, julga-se Deus, julga-se rei.

E as guerras: as guerras que continuam, não para semear o trigo da vida, mas para destruir. É a indústria da destruição! Tornou-se sistema de vida: quando as coisas não podem ser resolvidas, são descartadas: descartam-se as crianças, descartam-se os idosos, descartam-se os jovens desempregados. Esta devastação provocou uma cultura do descartável: descartam-se povos inteiros... Eis a primeira imagem que me vem à mente, quando ouvimos esta passagem do Apocalipse.

Eis a segunda imagem, na mesma Leitura: esta *«grande multidão, que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas»* (7,9). Os povos, a gente... esses pobres que, para salvar a sua vida, têm de fugir das próprias casas, das suas gentes, das suas aldeias, rumo ao deserto, e vivem em tendas, sentem frio, sem remédios, famintos, porque o «deus-homem» se apoderou da Criação, de toda aquela beleza que Deus criou para nós.

Mas quem paga a festa? Eles! Os mais pequeninos, os pobres, aqueles que, como pessoas, acabaram descartados. E isto não é uma história antiga: acontece hoje, em todas as partes do mundo. Acontece hoje. Direi mais: parece que estas pessoas, estas crianças famintas e enfermas não contam, parece que são de outra espécie, que não são humanas. Esta multidão encontra-se diante de Deus e suplica: «Por favor, salvação! Por favor, paz! Por favor, pão! Por favor, trabalho! Por favor, filhos e avós! Por favor, jovens com a dignidade de poder trabalhar!»

Entre estas pessoas perseguidas encontram-se também as que são perseguidas pela fé. *«Então um dos Anciãos falou comigo e perguntou-me: "Esses, que estão vestidos com vestes brancas, quem são e de onde vêm?" ... "Esses são os sobreviventes do grande tormento; lavaram as suas vestes e purificaram-nas no sangue do Cordeiro"»* (7,13-14). E hoje, sem exagerar, no dia de todos os Santos, gostaria que pensássemos em todos eles, nos Santos desconhecidos. Pecadores como nós, pior do que nós, mas destruídos. A todas estas pessoas que vêm do grande tormento. A maior parte do mundo vive em tormento. E o Senhor santifica este povo, pecador como nós, mas santifica-o com o tormento.

E no fim, a terceira imagem: Deus. A primeira, a devastação; a segunda, as vítimas; e a terceira, Deus. Na Primeira Carta de São João ouvimos*: «Desde já somos filhos de Deus, mas ainda não se manifestou o que havemos de ser. Sabemos que, quando isso se manifestar, seremos semelhantes a Deus, porquanto o veremos como Ele é»* (1 Jo 3,2): ou seja, a esperança.

E esta é a bênção do Senhor, que ainda é a nossa: a esperança. A esperança de que Ele tenha piedade do seu povo, tenha piedade daqueles que vivem no grande tormento e que tenha piedade também dos destruidores, a fim de que se convertam. É assim que a santidade da Igreja progride: com este povo, com cada um de nós, que veremos Deus como Ele é.

Qual deve ser a nossa atitude, se quisermos fazer parte deste povo e caminhar rumo ao Pai, neste mundo de devastação, neste mundo de guerras, neste mundo de tormento?

Como ouvimos no Evangelho de Mateus, a nossa atitude é a das Bem-Aventuranças. Somente este caminho nos levará ao encontro com Deus. Só esta vereda nos salvará da destruição, da devastação da terra, da Criação, da moral, da história, da família, de tudo. Unicamente este caminho: contudo, far-nos-á passar por situações difíceis! Trar-nos-á problemas e perseguição. Mas só este caminho nos levará em frente. E assim, este povo que hoje sofre tanto, devido ao egoísmo dos devastadores, dos nossos irmãos devastadores, este povo progride através das Bem-Aventuranças, da esperança de descobrir Deus, de se encontrar face a face com o Senhor, com a esperança de se tomarem santos no momento do encontro definitivo com Ele.

Que o Senhor nos ajude e nos conceda a graça desta esperança, mas também a graça da coragem de sair de tudo aquilo que é destruição, devastação, relativismo de vida, exclusão do próximo, exclusão dos valores e exclusão de tudo o que o Senhor nos ofereceu: exclusão da paz. Que Ele nos liberte de tudo isto e nos conceda a graça de caminhar na esperança de nos encontrarmos um dia face a face com Ele. E esta Esperança, irmãos e irmãs, não desilude!

(cf. Papa Francisco, *O Evangelho da vida*, ed. Nascente 2015, pp. 25-28)

(padreleo.org)